

“Integrando uma consciência de poder e privilégio sistêmico à justiça restaurativa”

Sarri Bater e Christina De Angelis
OpenEdge Transforming Conflict

- Bem-vindos, bem-vindos a esta sessão sobre a integração da consciência de poder sistêmico e privilégio na Justiça Restaurativa, colegas fazendo as perguntas que nos fazemos. Sou Christina De Angelis e esta é minha colega Sarri Bater.
- Olá a todos, fazemos parte do OpenEdge Transforming Conflict, uma instituição de caridade com sede no Reino Unido que trabalha em muitos países diferentes. Fazemos tudo para a transformação de conflitos, incluindo justiça restaurativa e círculos restaurativos, e trabalhamos muito em torno de conflitos de identidade e diferença. Você pode descobrir mais sobre nós em nosso site openge.org.uk.
- Portanto, esta oferta é um convite para um círculo gerador de diálogo em duas partes, primeiramente este vídeo de 30 minutos que oferece uma espécie de enquadramento e, em seguida, uma reflexão juntos na sessão de perguntas e respostas em 7 de dezembro. Ou mais precisamente nomeado, perguntas e mais sessão de perguntas.
- Queremos reconhecer aqui e aprender com o trabalho que tantos de vocês fizeram e estão fazendo para resolver essas questões já na Justiça Restaurativa. E parte dessa conversa, oferecemos como um enquadramento no qual compartilhamos algumas questões importantes sobre como o poder e o privilégio impactam o trabalho que fazemos na justiça restaurativa. Nossa intenção é criar um espaço para cada um de nós refletir sobre suas próprias perguntas e respostas, em vez de oferecer uma forma fixa de ver as coisas.
- Então, como parte disso, queremos reconhecer que nós mesmos somos impactados pelos sistemas em que vivemos e, portanto, temos nossa própria inconsciência e preconceitos que podem muito bem aparecer no que compartilhamos hoje. Nesse sentido, esperamos o co-aprendizado e a conscientização que teremos juntos na sessão ao vivo. Gostaríamos de informá-lo que toda a literatura a que nos referimos durante a palestra pode ser encontrada no final da palestra, bem como uma seção “Para um estudo mais aprofundado” e você pode obtê-la em pdf se me enviar um e-mail. E esperamos muito que possa haver legendas em inglês, para nossos colegas surdos e aqueles que gostariam delas, reconhecendo que nem todo mundo tem o inglês como língua materna, e esperamos que também possa haver legenda em outra língua. Pode ser que haja transcrições em vez de legendas e queremos tornar isso o mais acessível possível
- Portanto, os objetivos da conversa de hoje e da continuação em 7 de dezembro são, em primeiro lugar, queremos aumentar nossas capacidades de ver e responder aos

impactos sobre todos nós, bem como sobre a justiça restaurativa, os impactos dos sistemas em que vivemos e se reproduzem invisível e inconscientemente. Estamos neles e eles estão em nós. Em segundo lugar, queremos explorar como, a menos que projetemos algo diferente de maneira consciente e proativa, nossa justiça restaurativa pode reproduzir inadvertidamente exatamente as coisas que queremos mudar. Em terceiro lugar, queremos nomear algumas maneiras pelas quais a inconsciência se manifesta em nosso pensamento, nossas estruturas e nossa ação. Queremos também iluminar o mundo construído para a brancura, onde certas formas de ser são centradas e outras menosprezadas e marginalizadas. E, finalmente, queremos compartilhar práticas conscientes para manter uma lente sistêmica de poder e privilégio tanto dentro de nós quanto nos processos de justiça restaurativa.

- Então, para começar hoje, perguntei a Sarri se ela não se importaria em compartilhar um pouco de sua história, para que possamos tornar isso real e centrado em pessoas e situações reais.
- Obrigado Christina. Então, nasci e cresci em Londres, no sudeste de Londres, uma área geralmente rica na década de 1990, ou seja, não faz muito tempo. Quando eu tinha 16 anos, três amigos meus foram assassinados em ataques racistas. E, na verdade, ao longo da década de 1990, 30 jovens negros e asiáticos foram mortos nas ruas de Londres em ataques racistas. Na época, você pode imaginar que comunidades inteiras foram devastadas. Sentimo-nos impotentes, desamparados. As pessoas estavam sendo literalmente eliminadas na rua e nada estava sendo feito para impedir. Eu tinha outro amigo que na verdade se matou naquela época por causa do trauma de viver naquela experiência como um jovem negro. E mais tarde, depois de tanto trabalho sobre o racismo institucional dentro da polícia, tive outro amigo que na verdade morreu sob custódia policial. Portanto, há padrões sistêmicos sobre algo que não está bem em relação à identidade e à violência e como acontece a resposta à essa violência. Eu passei muito tempo naqueles dias com minhas comunidades tentando levantar nossa voz para desafiar o que estava acontecendo, para conseguir apoio, para fazer com que as pessoas que deveriam nos ajudar e proteger nos escutassem e ouvissem nossas preocupações. Tentamos de tudo. Tentamos reuniões e conversas formais. Tentamos protestos. Tentamos petições. Tentamos todos os tipos diferentes de interações e reuniões e conferências e esse tipo de coisa, e tivemos uma experiência em nossas comunidades, uma experiência de comunidade inteira de ser totalmente minimizados quando levantamos nossas preocupações e mostramos nossa dor. Quando eu tinha 17 anos, eu estava realmente tão traumatizada, tão insegura em meu mundo onde deveria estar protegida, onde deveria haver justiça, eu estava tão insegura que fiquei extremamente traumatizada por ter sido desconsiderada que, acabei no hospital. E isso não tem a ver com as ações dos indivíduos responsáveis pelos assassinatos. Eu poderia entender isso. Posso entender jovens brancos descontentes que estavam sendo manipulados para sair às ruas e matar. Fui totalmente desconsiderada e perdi toda a fé e confiança nos detentores do poder, no serviço policial e no sistema judiciário em que eu estava

crescendo. Depois fui para a universidade e comecei a estudar todas essas coisas e a escrever sobre elas. E eu estive envolvida no inquérito Stephen Lawrence e no inquérito que, para aqueles de vocês que não sabem, realmente chamaram a polícia do Reino Unido de institucionalmente racista. Então você pode imaginar que houve todos os tipos de reformas e ações decorrentes disso. E de repente minha voz era acolhida. Fui convidada para todos os tipos de conferências, todas as conferências. Fui convidada para trabalhar para o Conselho de igualdade racial. Fui chamada para trabalhar para a polícia, olhando para a comunidade e as relações raciais. Na verdade, eu me tornei uma conselheira independente do secretário do Interior naquela época. Nada do que eu estava dizendo era diferente, mas agora eu tinha qualificações e um certificado e estava usando roupas diferentes. Eu não estava usando meu jeans rasgado e minhas botas do exército que a jovem de 16 anos estava usando. Fui reconhecida de uma forma mais legítima para que minha voz fosse ouvida. Nos últimos tempos, é claro, com o assassinato de George Floyd e os impactos que isso teve globalmente e na resposta que teve globalmente, ainda sou afetada pelo trauma de minha experiência. Meu sistema nervoso ficou muito, muito assustado nos últimos meses. Não ousei esperar nenhuma mudança. Eu não tinha confiança de que qualquer resposta viria a qualquer coisa. Tive apenas uma experiência de traição e decepção. Então, aqui estou eu hoje, então foi há 26 anos que meus amigos foram assassinados e ainda estou impactada por não ter tido nenhum processo de restauração. Ainda estou realmente desejando me sentar com alguém, ou alguém, que represente e seja responsável pela experiência sistêmica que eu e tantos em nossas comunidades tivemos. E como posso fazer isso? ; porque não havia um indivíduo responsável por isso. Não há ninguém que eu possa identificar como a pessoa com quem sentar e fazer um processo restaurador. A quem devo me dirigir? Com quem ter essa conversa? E como você pode ver, os impactos sobre mim ainda estão aqui hoje, como acabei de compartilhar, com a sensação de total falta de confiança em meu sistema policial e sistema de justiça criminal. E realmente, ainda há dor e impactos de uma sensação de traição total e de que este sistema de justiça não é para mim e minha comunidade. Agora, sou apenas um pequeno exemplo. Existem gerações de comunidades e povos que foram impactados pelo poder e privilégios sistêmicos e não tiveram nenhum lugar para ir com isso, nenhum lugar para responder a isso dentro do sistema de justiça. Portanto, minhas experiências realmente me colocaram no caminho de fazer perguntas sobre como colocamos uma lente sistêmica na justiça e, claro, meu interesse é particularmente na justiça restaurativa. Então, obrigado por me permitir ter alguns momentos para compartilhar uma pequena parte da minha história e estou oferecendo aqui, apenas como um exemplo da vida real para ajudar a conectar à medida que avançamos nesta conversa.

- **Muito obrigado, Sarri, por nos compartilhar e confiar sua história. Eu realmente quero reconhecer a dor, em você e nas comunidades que foram impactadas por todos esses eventos e a falta contínua de algum tipo de processo restaurador para ser capaz de resolver isso. Muito obrigado. Então, queremos pegar isso, queremos que você faça isso olhando para esta foto.**

Gostaríamos que você desse uma olhada na foto e notasse o que você vê. Vamos apenas dar um tempo para você olhar a foto e perceber o que está vendo. Para nós, esta imagem é uma metáfora de como o mundo está organizado, com diferentes pessoas tendo diferentes acessos aos recursos e de maneiras diferentes.

- Compartilhamos esta imagem para nos lembrar que nossos processos de justiça restaurativa já começam nesta paisagem, então não fazemos justiça restaurativa em condições neutras. E novamente minha história é um exemplo disso. Portanto, isso significa que o envolvimento com o poder e o privilégio precisa ser projetado de forma consciente e proativa em tudo o que fazemos e em como o fazemos, ou iremos definitivamente reproduzir esses padrões. Então, se você der uma olhada nesta imagem, quero apenas dar um enquadramento de como podemos entender o que queremos dizer com sistêmico e vincular o pessoal ao sistêmico e colocar uma lente sistêmica. De que sistema estamos falando? Então, se você der uma olhada neste triângulo, ele veio de um estudioso da transformação de conflitos, Johan Galtung. Ele chama isso de triângulo de conflito e você pode ver que em um canto, há cultura. E por cultura o que queremos dizer são as suposições, ideias e crenças subjacentes sobre o mundo. Então, como olhamos o mundo, de quais crenças e ideias reais sobre como o mundo funciona nós nos organizamos. Portanto, outra maneira de descrever isso, essa coleção de suposições, porque temos muitas ao mesmo tempo, cria nossa fronteira conceitual. Como podemos ver o mundo e dar sentido a ele. Portanto, um exemplo de suposição ou crença subjacente sobre como o mundo funciona é que as pessoas pertencem a países ou as pessoas pertencem a Estados-nação. Essa é uma suposição subjacente que podemos sustentar e então começamos a criar nossos sistemas organizacionais, sistemas de sociedade, com base nessa suposição. Portanto, temos a estrutura como outra parte fundamental do sistema e por estruturas queremos dizer regras, leis, políticas, práticas, instituições. As instituições podem ser instituições de justiça, instituições financeiras, instituições de saúde, qualquer uma delas. Você deve lembrar que a linguagem, o discurso, a narrativa também fazem parte da estrutura da sociedade. Portanto, essas estruturas podem ser formais ou informais. Consagrado na lei ou não. Eles podem ser rituais e práticas mais habituais. Eles podem ser explícitos, mas geralmente estão implícitos. E eles podem estar conscientes, mas frequentemente também estão inconscientes. Um exemplo, de uma estrutura ou estruturas, com base em, se nossa cultura é, uma suposição subjacente é - as pessoas pertencem a países - um exemplo de estruturas construídas sobre essa crença são: então temos políticas de imigração, regras, leis e um todo específico discurso para falar sobre as experiências dos refugiados e a identidade dos refugiados e requerentes de asilo. No topo do triângulo, você verá ações e comportamentos diretos. Esses três pontos constituem um sistema. Ações e comportamentos diretos são o que fazemos pessoalmente. Um exemplo disso pode ser que uma criança vai para a escola, uma criança de uma família de requerentes de asilo vai para a escola e recebe a ordem de voltar para o seu lugar. Então, como você pode ver pelos exemplos que dei a você, ações e comportamentos diretos, as

estruturas e a cultura estão todos intrinsecamente ligados, eles se reforçam e se justificam. Então, o que queremos pensar é, se fizermos justiça restaurativa que aborda apenas ações e comportamentos pessoais, que só faz transformação e mudança no nível superior deste triângulo, não estamos absolutamente envolvidos com as outras partes do que acontece no sistema e o que o torna. Portanto, estamos deixando partes do sistema totalmente sem solução. Portanto, Johan Galtung chamaria isso de paz negativa. Claramente houve algum tipo de mudança e transformação e ações pessoais diretas, mas as partes do sistema que contribuem para essas ações e comportamentos diretos ainda são deixadas sem supervisão. Então, o que estamos dizendo é que, se queremos justiça social positiva, justiça restaurativa positiva, paz positiva, queremos envolver todos os três níveis disso, o sistema. Quando temos um conflito interpessoal, quando temos uma questão interpessoal de justiça e um caso para trabalhar em nossa justiça restaurativa, como podemos colocar as lentes sistêmicas e ter certeza de que não estamos focados apenas na parte superior desse triângulo, mas que podemos realmente nos envolver com a cultura que está em jogo e com as estruturas em jogo que reforçam e reproduzem esses comportamentos.

- E se você olhar para esta imagem, veremos que não apenas existimos dentro deste sistema, de forma totalmente independente de nós mesmos, mas o sistema existe dentro de nós. Então, para nós, vincular a experiência pessoal ao sistêmico é realmente vital se quisermos fazer esse trabalho de justiça restaurativa. Porque não está apenas fora, está dentro. Então, por exemplo, se olharmos alguns dos valores da Justiça Restaurativa. Existem muitas definições diferentes, por isso escolhemos as do fórum europeu: justiça, solidariedade, responsabilidade, verdade, respeito pela dignidade humana. E, claro, você sabe, pensamos na metáfora de Howard Zehr sobre como a justiça restaurativa é uma lente diferente. Não são as lentes retributivas, de quem culpar, que punem e excluem. É muito mais, quem foi ferido, quais são suas necessidades, quem tem a obrigação de atender a essas necessidades e corrigir os danos e como restauramos relacionamentos? Ou outra definição que gosto bastante de Fania Davies, “Nada sobre nós sem nós”. As pessoas que estão envolvidas no conflito, ou no crime, ou na situação, estão centradas quando os processos estão sendo criados. É sobre eles e eles têm voz e agência.
- Portanto, para nós do OpenEdge, as perguntas-chave que nos fazemos incluem: como usamos os valores da Justiça Restaurativa, como os que Christina acaba de nos dar, para nos engajarmos em níveis culturais, estruturais e diretos de violência e danos. Como usamos esses valores em contextos onde o dano histórico permanece sem solução? E como usamos esses valores onde os padrões sistêmicos de exclusão, poder e privilégio continuam e ainda são amplamente *invisíveis*? Então, para nós é crucial fazer qualquer atividade de justiça restaurativa sabendo que em nossas comunidades, e globalmente, existem grupos de identidade, pessoas com certas experiências de vida, que são continuamente marginalizadas, e ao lado disso existem algumas experiências de vida que são sempre centrados e privilegiados. Assim, distinguimos essas experiências históricas e sistêmicas de exclusão, que

chamamos de alteridade, como não iguais a momentos individuais de exclusão ou à margem ou à voz dissidente na sala. Portanto, reconhecemos que os padrões de experiências, de exclusão é desconto, que é opressão sistêmica.

- Então, se pensarmos sobre isso, e tendo em mente a história de Sarri, a opressão como uma experiência regular de vida cria traumas psicológicos nos corpos individuais e coletivos e o impacto desse trauma no cérebro e no sistema nervoso limita nossa personalidade, como temos voz e como nos envolvemos com o mundo. E isso é altamente significativo quando consideramos a igualdade, o acesso à escolha pessoal e a participação na sociedade. E então, por outro lado, o privilégio ou ser centrado como uma experiência regular de vida, na verdade atrofia partes do cérebro que nos impedem de ter consciência desse privilégio. Tornamo-nos menos capazes de realmente ver as experiências de outras pessoas que não são iguais às nossas. E isso é altamente significativo em como as pessoas se unem de forma restauradora, ou não, como no que aconteceu com a experiência de Sarri.
- Juntos, esses fenômenos nos levam a fazer perguntas não apenas sobre a responsabilidade pessoal dentro da justiça restaurativa, mas também sobre a responsabilidade sistêmica.
- Um exemplo que me é muito querido é o da Austrália. Portanto, os povos aborígenes e das ilhas do Estreito de Torres, que são os habitantes indígenas originais da Austrália, são cerca de 2 a 3% da população, embora sejam 28% da população. E as habituais condições inconscientes e sistêmicas aceitas na Austrália significam que hoje uma criança aborígene tem mais chance de ir para a prisão do que terminar o ensino médio. E esta imagem, que é bastante chocante da detenção juvenil no Território do Norte, não faz muito tempo, 2016, é de um menino de 17 anos. E um dos estudiosos da Austrália, Cuneen, para ele, o colonialismo é a causa da super-representação indígena na justiça criminal. E podemos ver por que isso acontece. Havia uma prática governamental aceita na Austrália, desde o início da colonização até a década de 1960, de retirar as crianças indígenas de suas famílias, isso é chamado de Gerações roubadas, e nenhuma família escapou dos efeitos dessa remoção forçada. E a maioria das famílias foi afetada em uma ou mais gerações. Portanto, jovens com pais, avós ou bisavós levados têm 50% mais chances de serem acusados pela polícia, 30% menos chances de ter boa saúde e 10% menos chances de ter um emprego.
- Christina nos deu exemplos da Austrália, mas não vamos cair na armadilha de pensar que isso não acontece na minha comunidade. Todas as nossas comunidades têm alguns impactos de poder e privilégios históricos e sistêmicos que estão em andamento. Portanto, para nós do OpenEdge, é crucial perguntar a nós mesmos e àqueles com quem trabalhamos quanto sabemos sobre o poder histórico e sistêmico e os privilégios em nossas comunidades? E da perspectiva de quem o aprendemos?

Portanto, como isso informa como fazemos os processos de justiça restaurativa?

- Portanto, para nós, é vital que coloquemos nossos óculos de proteção sistêmicos, por assim dizer, para ver esses padrões dentro e fora de nós. Ver nossas próprias ações e escolhas pessoais diretas, nossas estruturas (nossas políticas de RJ, acessibilidade, idioma), nossas culturas (essas suposições subjacentes sobre como o mundo funciona). Então, voltando à história de Sarri, quais seriam algumas das perguntas que você poderia estar fazendo, Sarri.
- Então, é claro, eu perguntaria - quem é responsável por minha experiência e pela experiência de toda uma comunidade e geração? Não havia, um indivíduo para sentar e fazer um processo restaurador. Então, como podemos ter um processo de justiça restaurativa que nos permite interagir com um sistema em vez de individualmente, ou também como indivíduos, quando for necessário?
- Na situação com o jovem aborígine, se ele foi convidado para um processo de justiça restaurativa, estamos convidando-o como agressor ou como vítima? E se ele é ambos, como isso aparece? Em contextos como a Austrália, onde há danos históricos que não foram resolvidos, não houve reparação, nenhum cuidado, nenhum cuidado ou cuidado suficiente para as necessidades, as relações ainda precisam ser restauradas, como fazemos justiça restaurativa nesses contextos? E se eu estivesse facilitando esse processo de justiça restaurativa, como poderia ser percebido e quais seriam meus possíveis racismo e preconceitos inconscientes? Se aquele jovem tivesse a coragem de me dizer que me considerava inconscientemente racista em relação a ele ou que nosso programa não combinava com ele ou sua comunidade, qual seria minha resposta? E que ações eu poderia tomar para resolver isso dentro de mim e dentro do processo? Portanto, queremos torná-lo realmente prático. E, é claro, muitos de vocês já estão fazendo tantas coisas, por isso estamos ansiosos para essa discussão em 7 de dezembro, mas aqui estão apenas algumas idéias e pensamentos que apresentamos. Então, como podemos ser proativos no desmantelamento de sistemas de desigualdade sistêmica que farão parte dos processos de RJ porque não estamos partindo de um terreno neutro? Então, isso significa me tornar consciente de minhas suposições sobre como o mundo funciona no nível da cultura, o aprendizado profundo sobre os conceitos de identidade, poder, diferença no mundo. Descolonizar, que significa tomar consciência de como o poder estrutural e a identidade inconscientes se manifestam em nós e em nossos espaços a cada momento. Capacitação para abraçar o desconforto para aquelas conversas difíceis sobre como as pessoas nos vivenciam e o trabalho que fazemos. Então, algumas dessas ações poderiam ser que começássemos a aprender sobre a história de nossas próprias comunidades ou de nossas próprias famílias. Formando comunidades de prática para se envolver com a aprendizagem sobre identidade,

poder e diferença e descolonização. Criar sistemas de apoio para fortalecer minha capacidade interna de receber feedback difícil sobre meus padrões inconscientes.

- Para nós, escolher conscientemente o uso de lentes sistêmicas de poder e privilégio na justiça restaurativa significa algumas coisas. Significa, definitivamente, ir além do envolvimento com poder e privilégio como um complemento para o que já fazemos e como o fazemos. Definitivamente, não indo para a representação como uma resposta ao poder e ao privilégio. Também significa comprometer-se não apenas a focar nos relacionamentos interpessoais nos processos de justiça restaurativa, porque, como sabemos, isso deixa todos os problemas dentro do sistema sem envolvimento. Também queremos construir sistemas conscientes de inclusão, de modo que isso signifique processos contínuos para inquirir e responder de forma proativa a como nossas decisões, comportamentos, espaços, políticas e atividades de práticas de justiça restaurativa impactam diferentes pessoas de maneiras diferentes. Também queremos estabelecer estruturas para monitorar e medir o poder e o privilégio na prática restaurativa. E reveja a linguagem que usamos na justiça restaurativa. Por exemplo, isso poderia ser reconhecer vítimas individuais e sistêmicas, criminosos e a complexidade do crime e do conflito em que ambas as pessoas podem ser vítimas e criminosos ao mesmo tempo. E, finalmente, realmente precisamos ir além da culpa e da vergonha, e de tornar os indivíduos errados, para entender que todos os comportamentos são sistêmicos., falamos muito hoje. Algumas coisas podem ser novas para alguns de vocês e outras, alguns de vocês terão explorado com muito mais profundidade do que nossa simples oferta de hoje. Então, realmente estamos reconhecendo o espectro da experiência. Mas de qualquer forma, realmente esperamos que isso tenha gerado alguns estímulos para reflexão e novas explorações juntos.
- Queremos agradecer o seu interesse e carinho por este assunto tão importante e pelo trabalho que já vem realizando. E estamos ansiosos para discutir isso com você em nossa sessão de perguntas e outras perguntas no dia 7 de dezembro. Obrigado. Tchau.
- Tchau